

12305 - Intercâmbio e Sistematização de Experiências Agroecológicas de Mulheres - Região Sul

Exchange and Systematization of Agroecological Experiences of Women - Southern

MARONHAS, Maitê Edite Sousa¹; CARDOSO, Elisabeth Maria²; SCHOTTZ, Vanessa Rodrigues³; MATOS, Olga⁴

1 GT Mulheres da ANA¹, maronhas@gmail.com 2 CTA – Centro de Tecnologias Alternativas, beth@ctazm.org.br 3 FASE - Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional, vanessa@fase.org.br, 4 HEIFER, olmatos@gmail.com

Resumo: O “Intercâmbio e Sistematização de Experiências Agroecológicas de Mulheres” foi desenvolvido na Região Nordeste e posteriormente nas Regiões Sul e Amazônica. Neste artigo é tratado da sistematização, metodologia e resultados, com foco nas relações sociais de sexo e divisão sexual do trabalho da Região Sul. Foi desenvolvida pelo Grupo de Trabalho de Mulheres da Articulação Nacional de Agroecologia com o apoio da Heifer e do Programa de Promoção da Igualdade de Gênero, Raça e Etnia – PPIGRE. Seus temas transversais são a agroecologia e o feminismo e em especial a relação entre ambos. A autonomia das mulheres através da agroecologia e a construção da história das mulheres sob a ótica das próprias mulheres, através de metodologias participativas são questões centrais. O principal resultado obtido é o empoderamento das mulheres sobre suas vidas e suas histórias, fortalecendo-as enquanto indivíduos e aos grupos/organizações/movimentos que constroem.

Palavras-Chave: Gênero, Mulheres, Feminismo, Agroecologia, Sistematização

Abstract: The “Exchange Systematization of Agroecological Experiences of Women” was developed in the Northeast and later in the South and Amazonia. In this article is treated about systematization, methodology and results, focusing on social relations of gender and sexual division of labor in Southern Brazil. It was developed by the Women's Group of Work of National Agroecology Articulation with the support of Heifer and the Program for Equality Promotion of Gender, Race and Ethnicity - PPIGRE. Its cross-cutting themes are agroecology and feminism, in particular the relationship between them. The empowerment of women through agroecology and the construction of women's history from the perspective of women themselves, through participatory methodologies are central issues. The main result is the empowerment of women about their lives and their stories, empowering them as individuals and groups/organizations/movements that they build.

Key Words: Gender, Women, Feminism, Agroecology, Systematization

Introdução

A ANA – Articulação Nacional de Agroecologia nasceu em dezembro de 2002, como resultado do I ENA – Encontro Nacional de Agroecologia. O Grupo de Trabalho de Mulheres da Articulação Nacional de Agroecologia, conhecido como GT Mulheres da ANA² foi criado em 2004 e se propõe a ser um espaço de articulação, intercâmbio e

¹Estagiária da secretaria do GT Mulheres da ANA de setembro de 2009 a julho de 2010, concluiu a graduação em Engenharia Agrícola e Ambiental na Universidade Federal de Viçosa em julho de 2010 e atualmente é assessora técnica do P1+2 - Programa Uma Terra e Duas Águas da ASA - Articulação no Semiárido.

² Ao ser criado recebeu o nome de GT Gênero e a mudança do termo Gênero para Mulheres foi compreendida como um amadurecimento e do reconhecimento das estratégias adotadas pelo GT.

reflexão das experiências agroecológicas protagonizadas por mulheres e influenciar nos debates dos demais espaços da ANA, trazendo a reflexão de gênero.

O GT Mulheres da ANA iniciou em 2008 o projeto “Intercâmbio e Sistematização de Experiências Agroecológicas de Mulheres” na Região Nordeste. Este trabalho foi concluído no primeiro semestre de 2009, continuando no mesmo ano nas regiões Norte e Sul. Neste artigo iremos tratar do projeto e resultados alcançados na Região Sul.

O projeto “Intercâmbio e Sistematização de Experiências Agroecológicas de Mulheres” é uma das principais estratégias do GT Mulheres da ANA. Tem como objetivos: (i) dar visibilidade às experiências das mulheres na agroecologia, (ii) construir uma metodologia participativa de sistematização, que estimule a capacidade das mulheres de refletir sobre suas experiências (iii) refletir a partir das experiências sobre o papel das mulheres na construção da agroecologia e o papel da agroecologia na vida das mulheres

Metodologia

O projeto na Região Sul contou com o apoio do GT Gênero da Rede Ecovida e do MMC – Movimento de Mulheres Camponesas. O primeiro momento é a composição de uma “comissão de metodologia” que tem como função acompanhar os grupos envolvidos na sistematização. A primeira oficina ocorreu em junho de 2009 em Lajes – SC e teve como objetivos refletir sobre a importância e o papel da sistematização na vida das mulheres e identificar quais os principais elementos relacionados à vida delas no campo que deveriam ser destacados em uma sistematização.

Com o roteiro pronto e os grupos de posse desse instrumento se inicia o desenvolvimento da sistematização pelas agricultoras e técnicas, durante a oficina há troca de metodologias para auxiliar o processo e o formato final é de livre escolha das sistematizadoras. As mulheres envolvidas animam o processo de diversas formas, incentivando e fortalecendo umas as outras através de cartas, reuniões, encontros.

A segunda oficina ocorreu em novembro/dezembro de 2009 em Chapecó – SC. Foi compartilhado o estágio da sistematização de cada experiência e as dificuldades e estratégias adotadas para superá-las. Durante essa oficina outros grupos e algumas das experiências visitadas se inseriram ao processo e a comissão de metodologia concluiu que haveria a necessidade de uma terceira oficina que ocorreu em Dom Pedro de Alcântara - RS e teve como objetivos finalizar a sistematização, buscando identificar quais foram as dificuldades e potencialidades para as mulheres e seus grupos/organizações/movimentos e identificar os desafios para a agroecologia e o feminismo. Ao todo foram sistematizadas dezessete experiências.

Parte da metodologia são os intercâmbios, nesses momentos as participantes entram em contato com outras experiências, vêem similaridades e diferenças com suas próprias, comparam, questionam ao grupo e a si mesmas, exercitando o olhar sistematizador e valorizando a troca de conhecimentos

Resultados e discussão

O projeto tem como ponto de partida as vivências e reflexões das mulheres, portanto trata

de temas variados e amplos. Aqui se fará um recorte para as relações sociais de sexo e em específico um de seus pontos de maior tensão na atualidade, a divisão sexual do trabalho.

As mulheres agricultoras reconhecem no seu dia-a-dia e no curso de suas vidas as relações sociais de sexo, suas tensões e vivenciam diariamente a divisão sexual do trabalho. O conceito, apesar de novo, é rapidamente absorvido e se torna uma das principais portas entre as experiências agroecológicas e a reflexão proposta pelo feminismo.

De acordo com Danièle Kergoat em “Novas Configurações da Divisão Sexual do Trabalho” 2007:

“A divisão sexual do trabalho é a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais entre os sexos; mais do que isso, é um fator prioritário para a sobrevivência da relação social entre os sexos. Essa forma é modulada histórica e socialmente. Tem como características a designação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apropriação pelos homens das funções com maior valor social adicionado (políticos, religiosos, militares etc.).”

Tornar as relações sociais sexuadas é reconhecer as relações de poder que se constroem entre os sexos e a hierarquização do masculino sobre o feminino. Essa hierarquização tem contribuído para a invisibilidade da história das mulheres e da parcela da história construída por elas. Portanto o exercício realizado de que agricultoras e técnicas contem e registrem suas histórias é um passo relevante, para que a construção da história da agroecologia seja realizada por mulheres e homens e que o papel das mulheres nessa construção seja reconhecido e valorizado com a mesma importância de sua participação para a existência dessa história.

“Las mujeres de su generación y las que vendrán tienen que saber sobre el pasado de su propio sexo, a fin de fomentar el respeto de sí mismas y vivir con más confianza en el presente.” Karen Offen

“As mulheres de sua geração e as que virão têm que saber sobre o passado do seu próprio sexo, a fim de fomentar o respeito a si mesmas e viver com mais confiança no presente.” Karen Offen (Tradução livre das autoras)

No âmbito da divisão sexual do trabalho a sobrecarga de trabalho da agricultora não desaparece automaticamente com a existência do processo de transição agroecológica, podendo inclusive aumentar. O tempo das mulheres se divide entre o trabalho produtivo, seja em sua propriedade ou em seu grupo, e o reprodutivo. Nessa divisão, o tempo para o lazer muitas vezes é nulo e os espaços de lazer para as mulheres na zona rural praticamente não existem. É importante fazer essa consideração, pois o tempo para lazer não está inserido no tempo dos trabalhos.

“Sabemos que a agroecologia proporciona muitas coisas boas, mas ainda temos muito pela frente, como o excesso de trabalho da mulher e a pouca valorização pela sociedade. Trabalhamos muito, às vezes

não sobra tempo nem para preparar o alimento da forma que deveria, ainda mais quando produzimos tanta coisa boa”. Agricultora sistematizadora

Porém em algumas unidades familiares a prática agroecológica tem contribuído para maior valorização do trabalho das mulheres e divisão mais igualitária entre homens e mulheres do trabalho doméstico. A diferença apontada entre experiências que sobrecarregam as mulheres e experiências que conquistam relações mais igualitárias é a participação das mulheres em ações de formação política que contribuem para o seu empoderamento.

Nessa perspectiva a reflexão central é sobre trabalho produtivo e reprodutivo e a valorização do trabalho reprodutivo, bem como a desnaturalização deste como uma obrigação ou aptidão natural das mulheres. A inclusão do trabalho reprodutivo nas tarefas da unidade de produção e a responsabilização de homens e mulheres por elas é um indicador de mudanças nas relações de poder na família.

De forma que a comercialização dos produtos dos quintais, criações de pequenos animais, acesso a políticas públicas como o PAA – Programa de Aquisição de Alimentos, acesso a documentação da mulher como trabalhadora rural, bloco da produtora e DAP – Declaração de Aptidão para Produção, temas presentes durante as oficinas e nas sistematizações, são passos necessários para a conquista da renda própria das agricultoras que é capaz de gerar o reconhecimento do trabalho da mulher pela família e comunidade.

A conquista da renda própria das agricultoras é parte do processo de construção da autonomia e empoderamento, porém não é suficiente. A contribuição que os movimentos de mulheres têm dado a agroecologia, problematizando e questionando a naturalização da divisão sexual do trabalho e a invisibilidade do papel estratégico desenvolvido pelas mulheres, na esfera reprodutiva e na produtiva é essencial para que a agroecologia não seja uma sobrecarga na vida das mulheres ou se reduza a técnicas de produção e possa ser potencializada como uma forma de transformação das relações sociais.

O equilíbrio da relação de poder que existe entre homens e mulheres e que hoje oprime as mulheres é um ganho para todo o movimento agroecológico, o papel de protagonista das mulheres no processo de transição agroecológica é reconhecido e atribuído em parte ao seu papel social e histórico de responsável pela alimentação e saúde da família, em um nível mais amplo, pela sustentabilidade da vida humana.

O protagonismo das mulheres no espaço privado permite que questões como segurança alimentar e nutricional, conservação da biodiversidade, manutenção do conhecimento tradicional, conservação e troca de sementes crioulas assumam a mesma importância ou até maior em relação a renda monetária. Tornando dessa forma as mulheres e sua forma de viver o mundo contribuições essenciais para a agroecologia e sua construção.

Devido à diversidade e amplitude das experiências houve outros temas que não foram tratados nesse trabalho, mas que permitiriam compreender a complexidade do projeto, quais sejam: impactos do agronegócio, relação dos agricultores/as com a terra, avanço da monocultura como ameaça a agricultura familiar, agrotóxicos, êxodo rural, em especial

dos jovens, certificação agroecológica participativa, acesso a mercados e comercialização, saúde, vigilância sanitária, violência contra as mulheres.

Dos objetivos do projeto: (i) a visibilidade às experiências das mulheres tem sido alcançada de diversas formas, a sistematização da região nordeste gerou um livro e um artigo para a revista *Agriculturas* que foi apresentado no VI CBA e resulta, ainda hoje, na participação das mulheres em outros espaços do movimento agroecológico apresentando suas experiências. A sistematização da Região Sul também gerará um livro que está em processo de edição para publicação.

(ii) A metodologia construída neste projeto tem se mostrado satisfatória para estimular a participação e envolvimento das mulheres no registro de suas experiências, o que pode ser verificado pela continuidade de todos os grupos envolvidos durante o processo e a adesão de novas experiências durante a sistematização.

(iii) O fortalecimento da capacidade das mulheres de refletir sobre suas experiências com a metodologia adotada se torna uma consequência de todo o processo, muitas experiências e conhecimentos são compartilhados durante as oficinas e em outros momentos não explicitados. A fala das sistematizadoras é estimulada, em grupos maiores e menores, com pessoas conhecidas e desconhecidas, o ambiente criado é amigável e receptivo, de forma que todas se sintam confortáveis e convidadas ao exercício da expressão. E por fim, a reflexão sobre as sistematizações também é feita em espaços nacionais do GT Mulheres da ANA onde participam mulheres de diversas organizações e movimentos organizados nas diversas regiões do Brasil.

Dessa forma o processo de sistematizar as experiências envolvendo as próprias protagonistas das experiências e depois refletir sobre as experiências nos seus grupos de origem, no espaço regional formado pelas oficinas de sistematização e nos espaços nacionais do GT Mulheres da ANA tem contribuído para a construção do conhecimento agroecológico das mulheres vinculadas à Articulação Nacional de Agroecologia.

Bibliografia Citada

- DÍAZ, Carlos. **Metodologia “Campesino a Campesino” para la promocion de la agricultura sostenible**. V Encuentro Nacional de Productores Ecológicos del Perú. Universidad Nacional Agraria La Molina. Lima, Septiembre del 2000.. Disponível em: <<http://www.idmaperu.org/metodo.htm>>. Acesso em: 09 set. 2011.
- HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas Configurações da Divisão Sexual do Trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 132, p.595-609, dez. 2007. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/cp/v37n132/a0537132.pdf>. Acesso em: 29 jul. 2011.
- OFFEN, Karen. Historia de las mujeres. **La Aljaba**, Luján, v. 13, n. 13, p.0-0, dez. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1669-57042009000100001&lang=pt>. Acesso em: 27 ago. 2011.